

## O USO DA METODOLOGIA PESQUISA-AÇÃO PARA ANÁLISE DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS

THE USE OF ACTION RESEARCH METHODOLOGY FOR EDUCATIONAL POLICY ANALYSIS

EL USO DE LA METODOLOGÍA INVESTIGACIÓN-ACCIÓN PARA EL ANÁLISIS DE POLÍTICAS EDUCATIVAS

### Emília Peixoto Vieira

Doutora em Educação, Professora Titular da UESC - Ilhéus-BA, Brasil.  
<http://orcid.org/0000-0001-9718-742X>  
E-mail: [emilcarl28@hotmail.com](mailto:emilcarl28@hotmail.com)

### Frédéric Vaillant

Mestre em Educação em Ciências e Matemática - IFES, Professor da Educação Nacional Francesa, Rouen, França  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9334-1813>  
E-mail: [frederic.vaillant@hotmail.com](mailto:frederic.vaillant@hotmail.com)

### Maricélia de Souza Pereira Moreira

Mestre em Educação - UESC, Professora da Rede Municipal da Educação de Coaraci-BA, Brasil  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6538-1794>  
E-mail: [moreiramsp@gmail.com](mailto:moreiramsp@gmail.com)

### RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar a metodologia da pesquisa-ação, fundamentada em Thiollent (1987, 2000, 2011) e suas contribuições para a análise das políticas educacionais, no contexto das investigações dos integrantes do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), as quais são realizadas com base nessa metodologia.

**Palavras-chave:** pesquisa-ação; metodologia de pesquisa; política educacional.

### ABSTRACT

This text aims to present the methodology of action research, based on Thiollent (1987, 2000, 2011), and its contributions to the analysis of educational policies, in the context of the investigations of the members of the Research Group on Public Policies and Educational Management (PPeGE), which are carried out based on this methodology.

**Keywords:** action research; research methodology; educational policy.

### RESUMEN

Este texto pretende presentar la metodología de la investigación-acción, basada en Thiollent (1987, 2000, 2011) y sus aportaciones al análisis de las políticas educativas, en el contexto de las investigaciones de los miembros del Grupo de Investigación en Políticas Públicas y Gestión Educativa (PPeGE), que se realizan a partir de esta metodología.

**Palabras-clave:** investigación-acción; metodología de investigación; política educativa.

## INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar a metodologia da pesquisa-ação, fundamentada em Thiollent (1987; 2000; 2011) e suas contribuições para a análise das políticas educacionais. Identifica-se que, a partir das décadas de 2000 e 2010, cresceu o número de trabalhos acadêmicos de análise das políticas educacionais implementadas em âmbito nacional e local, procurando compreender a sua efetividade prática na realidade da educação estadual, municipal e no contexto escolar.

Compreender a política educacional e como ela se efetiva no contexto escolar implica estudos e metodologias em que os sujeitos sejam considerados no processo de implementação da política. Nos últimos oito anos, o grupo de pesquisa cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPEGE), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), resolveu, como uma opção política e para atender à nova demanda apresentada ao grupo de professoras do quadro permanente do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGE) da UESC, estudar a pesquisa-ação na perspectiva de Thiollent (1987; 2000; 2011), para compreender os pressupostos dessa metodologia.

O desafio do grupo foi refletir sobre formas de instrumentalizar os(as) professores(as)/estudantes de mestrado e integrantes do referido grupo e da linha de pesquisa Política Educacional e Gestão Escolar com uma metodologia que os auxiliasse na autoformação, construção de novos conhecimentos, realização de ações, por meio de intervenção, nas diversas realidades apresentadas pelos municípios em relação à educação básica.

Assim, os(as) orientandos(as) que compõem o grupo passaram a estudar e a adotar em suas pesquisas a pesquisa-ação, como uma metodologia que permite a autoformação do(a) professor(a) pesquisador(a) e também dos sujeitos implicados na investigação. O resultado foi uma série de dissertações e artigos publicados que aprofundam o estudo da implementação da política educacional no contexto escolar, com a utilização da pesquisa-ação, envolvendo os sujeitos que compõem a gestão educacional, a gestão e o espaço

escolar na solução dos problemas educacionais dos municípios do entorno da universidade.

Este texto está organizado, além desta introdução, em mais duas outras partes. Na primeira, apresentamos como o grupo de pesquisa PPeGE se aproximou da metodologia da pesquisa-ação, a partir dos estudos de Thiollent, para análise e intervenção nas realidades apresentadas. Na segunda, apresentamos a mencionada metodologia e a interpretação dela realizada pelo grupo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação (PPeGe).

### **O grupo de pesquisa PPeGE e os estudos da pesquisa-ação**

Os estudos da metodologia da pesquisa-ação se deram a partir dos desafios decorrentes da criação, em 2012, do Mestrado em Educação, modalidade profissional, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

O Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGE) foi criado com a finalidade de atender à formação continuada de docentes da educação básica, especialmente do Sul e Extremo Sul da Bahia, buscando

[...] aperfeiçoar sua prática docente, o processo de aprendizagem, a construção do conhecimento e a intervenção político-pedagógica dos profissionais da educação nos cenários local, regional e nacional, buscando ampliar as condições de reflexão e enfrentamento das várias questões que afetam a educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos (PPGE, c2012, n. p.).

Os docentes do PPGE, organizados em duas linhas de pesquisa, compreendem que os profissionais da educação exercem papel importante na área, ocupam espaços nos sistemas educacionais da região e têm a capacidade de contribuir para o alcance do preceito constitucional relativo ao direito à educação para toda a população local e brasileira.

Com essa compreensão, organizados no grupo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), iniciamos os estudos de metodologias interventivas, as quais nos auxiliam na construção do autoconhecimento, autoformação e da intervenção político-pedagógica crítica da realidade educacional apresentada na região.

Principiamos tais estudos, especificamente sobre a pesquisa-ação, com a leitura do livro *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária* (1987), organizado por Thiollent, que reuniu nessa obra diversos textos metodológicos de autores franceses, entre eles, o seu artigo intitulado *Sobre a enquete operária*. Os textos reunidos fazem uma crítica às pesquisas sociológicas convencionais e pesquisas de opinião. Especificamente em seu artigo, Thiollent (1987, p. 101) apresenta “[...] como é concebível o questionário ou, de modo geral, o questionamento, no contexto da investigação social ligada à prática política, da classe operária”. Desse modo, esse foi um dos nossos primeiros contatos com estudos dessa natureza.

Thiollent (1987) analisa em seu texto um conjunto de elementos que abordam questões metodológicas e questões políticas relacionadas ao uso de um questionário na perspectiva marxista, tomando como referência os artigos *Concepções socialistas da enquete operária*, de Raniero Panzieri, e *Marx e a enquete operária*, de Dario Lanzardo, publicados nos *Caderni Rossi*, em 1965, cujo conteúdo, segundo Thiollent (1987, p. 102),

[...] apresenta uma interessante discussão sobre o questionário formulado por K. Marx em 1880, sobre os possíveis objetivos de uma enquete operária junto aos trabalhadores das fábricas FIAT de Turim de 1965 e sobre as eventuais contribuições da sociologia atual.

A leitura do livro e, especificamente, do referido capítulo, foi importante para o grupo, pois Thiollent nos explica a questão do motivo da enquete operária, informando que ela surgiu

[...] na primeira metade do século XIX, em países europeus marcados pela industrialização capitalista onde o crescimento, a miséria, e as revoltas da classe operária foram percebidos como ameaça ou perigo para a sociedade em seu conjunto e, em particular, para as classes dominantes (THIOLLENT, 1987, p. 102).

Esse conjunto de acontecimentos, segundo o autor, acarretou o desenvolvimento da enquete operária, por meio de investigações realizadas a pedido de governos e representantes da classe dominante que pretendiam entender a “questão operária” e propor paliativos à situação que se apresentava; segundo o autor, a classe operária ainda não tinha meios materiais e intelectuais suficientes para o autoconhecimento de sua condição concreta e de sua significação histórica (THIOLLENT, 1987, p. 103).

Segundo Thiollent (1987, p. 102), foi na segunda metade do século XIX que os grupos socialistas se apropriaram da ideia de enquete operária como instrumento de autoconhecimento da classe operária, “sem compromisso com as autoridades e as academias”. O autor assinala ainda que foi nesse contexto que se inscreveu o questionário de 1880 de K. Marx, publicado sem o nome do autor, no dia 20 de abril 1880, no nº 4 da revista francesa *La Revue Socialiste*. O objetivo desse questionário, de acordo com Thiollent, foi elaborar e produzir livros sobre a situação da classe operária, o que não ocorreu.

Qual o sentido dessa discussão no texto de Thiollent e sua relação com as pesquisas em educação? Detemo-nos nas observações e ponderações de Thiollent em relação ao questionário e ao significado desse instrumento metodológico e identificamos uma mudança na perspectiva de investigação a partir do *operário*. Essa visão modifica completamente a forma de se compreender o contexto social.

Segundo Thiollent, não se trata de considerar que o questionário de 1880 é perfeito ou aplicável como tal em qualquer circunstância ou época. O que Thiollent nos demonstra com essa forma de buscar dados da realidade apresentada é, no primeiro momento, que não há neutralidade nas pesquisas e que esse tipo de questionário, em que o próprio operário se dispõe a descrever os fatos relatados e a analisá-los, pressupõe e implica o cognitivo na resposta e não a opinião simplesmente dos operários (THIOLLENT, 1987).

Para Thiollent (1987), a importância do instrumento, que permite a descrição das condições materiais, implica para quem o responde, nesse caso o operário, pensamento, a faculdade de observação, o raciocínio próprio das pessoas implicadas e a discussão coletiva, o que possibilita ao sujeito respondente relatar a partir da sua própria experiência na vida material, porque se verifica a *problematização* que se manifesta nas perguntas, de modo a incitar o respondente a formular suas respostas de modo contrário à simples reprodução das ilusões vigentes no processo de produção (THIOLLENT, 1987).

O autor esclarece que esse tipo de questionário tem importância, pois mesmo que o operário não tenha estudado a teoria política, por exemplo, por meio de suas respostas, “[...] é interessante conhecer as palavras, o tipo de explicação ou a sequência de raciocínio que o operário utiliza para descrever um mecanismo teoricamente desconhecido e praticamente vivido no dia-a-dia” (THIOLLENT, 1987, p. 108). Dessa forma, o que se destaca

nessa observação do autor sobre as explicações dadas pelo operário, em uma perspectiva de se compreender esse sujeito, é que

[...] o mais importante é estudar as várias estruturas de explicação, mesmo as explicações simples, falsas ou parciais. Com a dominação ideológica, as respostas mais adequadas à realidade são respostas minoritárias dificilmente captadas pela pesquisa convencional que sobreestima as respostas majoritárias. Em cada sequência de pensamento, é necessário detectar a presença de elementos de senso comum e de ideologias de diversas origens (THIOLLENT, 1987, p. 109).

Isso significa que tanto a análise quanto a interpretação das respostas dependem da capacidade do pesquisador de não subestimar os esclarecimentos dados pelo operariado sobre suas condições materiais. Afinal, o operário, muitas vezes, não tem acesso ao mundo intelectual e, por isso, as interpretações de suas respostas aos problemas apresentados precisam, segundo Thiollent, ser relativizadas.

Cada questão requer esclarecimento didático ao respondente sobre o que se objetiva com a pesquisa, atentando-se para a não indução de respostas. Como ressalta o autor, uma pesquisa deve ter objetivos claros para que se tenha efeitos de explicação, ou seja, não se pode buscar respostas fáceis às questões, mas é preciso tirar o sujeito da passividade e fazê-lo refletir verdadeiramente sobre as questões perguntadas, tornando-o sujeito implicado.

Conforme expõe Thiollent (1987, p. 112), “a influência exercida pelas perguntas tem por objetivo tornar os interlocutores capazes de ultrapassarem o plano da resposta estereotipada, ou resposta condicionada pela conformidade à ideologia ou à moral dominante”, o que revela também a importância da comunicação entre pesquisador e os sujeitos em uma relação não artificial. Isso, para Thiollent, demonstra que “grupos investigados têm iniciativa e controle dentro do processo de investigação, concebido em ligação com a prática efetiva do grupo” (p. 112), e que também participam da pesquisa e se comprometem com ela.

O uso da “enquete operária”, segundo Thiollent (1987, p. 113), relaciona-se a uma perspectiva coletiva e dialógica, a um “diálogo real acerca dos problemas reais”, em que os sujeitos implicados, ao apresentarem a descrição e explicação de determinada situação concreta, fazem com que ela seja analisada e avaliada coletivamente. Essa postura metodológica, inversa às metodologias convencionais, exige uma ação efetiva e supõe a

participação ativa dos sujeitos participantes da pesquisa no próprio processo de investigação.

Essa investigação é qualificada e traduzida como uma forma de conhecer e agir da classe operária, compreendendo seu posicionamento. Como atesta Thiollent (1987), a enquete operária e os estudos de Panzieri apresentam uma metodologia importante; uma vez submetidas às exigências do rigor observacional, contribuem para o afastamento do subjetivismo ou até do “misticismo”, demonstrando que “muitas gerações de intelectuais foram acostumadas a considerarem a classe operária como uma entidade abstrata definida no plano econômico [...]” (THIOLLENT, 1987, p. 117).

Para o autor, a análise desses instrumentos pressupõe que “sem um mínimo de investigação sociológica das redes de comunicação sociopolítica, não parece possível uma adequada apreensão da relação entre a ‘consciência teórica’ e a ‘consciência empírica’ dos operários enquanto classe” (THIOLLENT, 1987, p. 118). O que se pretende, nesse sentido, segundo o autor, é a redefinição do instrumento da enquete operária como instrumento de “pesquisa-ação”, considerando todas as dimensões de análise de um determinado fenômeno e a importância de se ouvir verdadeiramente os sujeitos.

A participação dos sujeitos na pesquisa, conforme expõe Thiollent, é fundamental. Além disso, assegurar esse envolvimento, sem riscos de “imposição de problemática”, dogmatismo e prática autoritária, para o autor, é imperioso, considerando essa nova metodologia.

O papel dos intelectuais é trazer o que eles sabem de um modo que não prejudique a iniciativa dos trabalhadores, ou melhor, que favoreça as condições de sua criatividade. É preciso experimentar este princípio no contexto da análise do processo de trabalho e dos diferentes aspectos da condição operária (THIOLLENT, 1987, p. 123-124).

Essa nova forma de pensar a pesquisa possibilita “[...] o conhecimento da realidade concreta e um meio de ação de base que consiste em estabelecer contato com os trabalhadores” (THIOLLENT, 1987, p. 124). Esse é o diferencial de se considerar a enquete operária como uma estratégia metodológica para a compreensão da realidade.

No seu conjunto, o uso dessa metodologia implica também a divulgação dos seus resultados e explicação correspondentes, considerando que as questões levantadas e debatidas sejam cuidadosamente solucionadas pelo grupo, para que, “na sua atividade, as



exigências metodológicas e as exigências políticas estejam equilibradas” (THIOLLENT, 1987, p. 124). Isso significa dizer, segundo Thiollent, que o uso desse instrumento requer clara definição política dos objetivos do grupo, pois é o grupo que determina a escolha da enquete e a atividade da investigação. Esse é o ponto fundante na proposta da pesquisa-ação: o grupo define todas as fases da investigação, inclusive as atividades a serem desenvolvidas, a fim de esclarecer e agir sobre o resultado.

É importante salientar que a investigação prática da enquete, em que os sujeitos são partes fundantes dessa metodologia, não dispensa ou exclui, segundo Thiollent (1987, p. 125), “[...] trabalho teórico de natureza mais fundamental e, sobretudo, não pode substituir uma efetiva prática política estratégica e taticamente definida”, porque a enquete ligada à ação

[...] permite efficientizar o relacionamento do grupo político com as massas, mas deve-se deixar bem claro que este relacionamento não pode ser reduzido a uma relação investigador/investigado (THIOLLENT, 1987, p. 125).

Considerar os sujeitos na investigação, também conforme Thiollent, denota o cuidado em se considerar a prática da enquete, esclarecendo seus objetivos e a necessidade metodológica de se gerar a problematização, para não se cometer o equívoco de torná-la subjetiva, abstrata e sem comprovação, inclinando para um outro lado da investigação. Como afirma Thiollent (1987, p. 125), a enquete operária pode, levando em conta a sua capacidade de problematização com diferentes olhares e tipos de informação, “[...] ajudar a superar tais posições e produzir efeitos positivos tanto no plano do conhecimento como no plano da prática política”.

As ponderações do autor nos alertam para que não esqueçamos que essa postura de pesquisa, em que as vozes dos sujeitos são consideradas, não pode ser sem a exigência metodológica da investigação, pois se corre o risco de ativismo. Realizar esse tipo de pesquisa requer um olhar atento dos(as) pesquisadores(as), que recai sobre o conhecimento técnico-científico e a atenção na definição do grupo.

Em resumo, a especificidade da enquete operária, considerada em uma perspectiva de pesquisa-ação, está em ser uma investigação explicitamente associada a uma ação política. “Em cada contexto sociopolítico, os procedimentos e a temática precisam ser redefinidos para evitar os desvios economicistas e os desvios ligados à incompetência”



(THIOLLENT, 1987, p. 126). Nesse sentido, no contexto da pesquisa-ação, o autor ressalta questões e o cuidado que necessitamos ter na investigação, afastando-se da “falsa neutralidade [...], imposição da problemática, unilateralidade, desníveis da comunicação” (p. 126).

Com base nas reflexões do autor e na sua proposta de uma pesquisa-ação, o que nos faz pensar e nos coloca em outra dimensão do fazer pesquisa é o fato de se considerar a situação ou a realidade social a partir do olhar do sujeito. O uso das diferentes técnicas, como questionário e entrevistas, não pode ter um fim em si mesmo. Segundo Thiollent, nem o uso desses instrumentos associados à justaposição de diferentes pontos de vistas nos permite chegar a um conhecimento multifacetado da realidade social. Faz-se necessário mais que isso, é preciso pensar também que os sujeitos constroem a história.

### **O uso da pesquisa-ação nas pesquisas educacionais**

A partir das reflexões de Thiollent (1987), considerando o uso da enquete operária produzida por K. Marx, em 1880, e sua eficiência para envolver os sujeitos implicados na realidade social a ser investigada e tomá-los em sua capacidade de também realizar a interpretação dessa realidade a partir de suas condições materiais, buscamos compreender a metodologia da pesquisa-ação, a partir do livro *Metodologia da pesquisa-ação*, também de Thiollent (2000; 2011).

O que nos chamou a atenção, tendo em vista a participação em um programa de pós-graduação, na modalidade profissional, com característica de ações intervencionistas em contexto educacional, é que a “Pesquisa-Ação pretende-se alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social” (THIOLLENT, 2000, p. 41). Tratando-se do contexto educacional, a proposta da metodologia pareceu-nos importante, tendo em vista que

A pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): **pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento** ou “nível de consciência das pessoas e grupos considerados” (THIOLLENT, 2000, p. 16, grifos nossos).

A pesquisa-ação, nesse sentido, oportuniza estudar de forma dinâmica os problemas e, coletivamente, tomar decisões, realizar ações, negociações, dirimir conflitos

e tomadas de consciência que ocorrem durante todo processo de construção do concreto. Assim, segundo Thiollent:

[...] **não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político ou cultural** a respeito dos problemas importantes que enfrenta [...]. O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados (THIOLLENT, 2000, p. 18, **grifos nossos**).

Para se propor essa visão da realidade, o conhecimento tem papel importante nessa metodologia e, para Thiollent (2000), a pesquisa-ação é um ato político e social, com possibilidade de transformações de realidades. Ela pressupõe diálogo e conhecimento prévio dos sujeitos e exige o lugar da teoria: gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa, as interpretações e tomada de decisão do grupo. A participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa é necessária, fato que pode auxiliar e interferir na mudança. Isso significa que é de extrema importância o compromisso dos(as) professores(as) pesquisadores(as) e dos sujeitos implicados na investigação. Nesse sentido, a pesquisa-ação pode:

[...] ser concebida como método, isto quer dizer um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos. Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações; do outro lado dos atores, a questão remete à disposição a agir, a aprender, a transformar, a melhorar etc. Além de uma simples coleta de dados, a pesquisa-ação requer um longo trabalho de grupos reunindo atores interessados e pesquisadores, educadores e outros profissionais qualificados em diferentes áreas (THIOLLENT, 2000, p. 8).

Com os estudos da pesquisa-ação, fundamentada em Thiollent (1987; 2000; 2011), compreendemos que a metodologia pode ser definida como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Nesse sentido, aprofundamos os estudos a respeito da pesquisa-ação e identificamos e compreendemos a importância do engajamento do(a) pesquisador(a) e

do(a) sujeito da pesquisa na construção do conhecimento sobre o tema tratado, assim como na resolução dos problemas apontados no/pelo coletivo de forma não hierarquizada, em que todos contribuem para a reflexão-ação-reflexão; pois na pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os sujeitos participantes durante o processo de conhecimento da realidade e ante a possibilidade de mudanças da situação. Em um processo contínuo de ressignificações e construção de conhecimentos, Thiollent afirma que:

A pesquisa-ação visa transformações, retirando o pesquisador da condição de transmissor de investigações meramente acadêmicas e burocráticas, para incluí-lo como sujeito que aceita que os fatos podem ser mudados e reconstruídos (THIOLLENT, 2000, p. 20).

Nessa perspectiva, a pesquisa-ação segue o caminho oposto ao da pesquisa clássica, que exige a descrição prévia dos resultados, tendo como alicerce apenas o conhecimento científico, enquanto o saber dos sujeitos representa apenas dados coletados para a análise. Segundo Thiollent (2011, p. 22), na pesquisa-ação, os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais, querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os(as) pesquisadores(as) pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

A pesquisa-ação é uma estratégia metodológica, com uma ação política. Thiollent destaca alguns dos principais aspectos dela:

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos

pesquisadores e o conhecimento ou “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados (THIOLLENT, 2000, p. 16).

Segundo Thiollent, uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação:

Quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada (THIOLLENT, 2011, p. 21).

A partir dessas ponderações, as questões deontológicas e éticas também são questões e discussões importantes, porque realizar uma pesquisa dessa natureza, a qual dá verdadeiramente voz aos sujeitos participantes da pesquisa, exige que os grupos interessados na situação ou nos problemas investigados sejam realmente consultados e requer a importância do respeito e participação coletiva. Como Thiollent (2000, 2011) ressalta, isso revela a necessidade de se conter a “imposição de problemática”, a “falsa neutralidade”, a “unilateralidade” e os “desníveis da comunicação”.

Os estudos dessas obras de Thiollent foram essenciais para o conhecimento da metodologia e uso da pesquisa-ação e têm nos ajudado no seu uso, nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPEGE). No grupo, foi importante compreender que a pesquisa-ação implica reflexão-ação-reflexão, baseada no campo teórico de reflexão da situação-problema apresentada, da teorização desse problema, para uma ação planejada que se vê imersa em nova reflexão e ação.

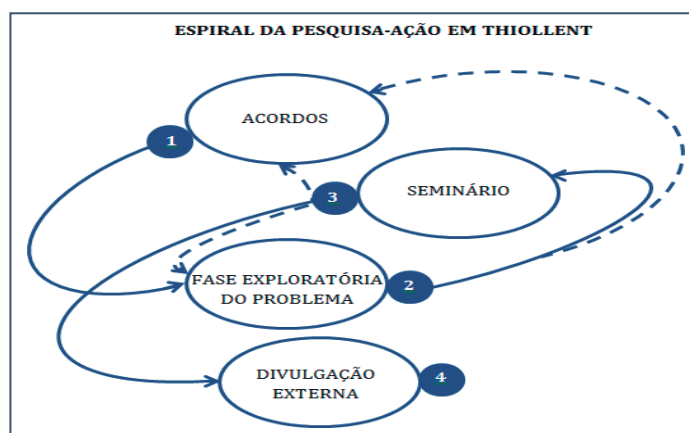
O que concluímos desse estudo do processo metodológico, na perspectiva da pesquisa-ação, é que, nesse tipo de pesquisa, não se fala do outro ou se produz algo sobre o outro e sim com o outro. É considerada, segundo Thiollent (1987, 2000, 2011), uma ação política, à medida que o processo de discussão sobre a situação-problema se dirige também a uma formação política do sujeito, que, no grupo, compreendemos como uma perspectiva da *práxis*.

No grupo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPEGE), a pesquisa-ação foi estruturada de modo a assegurar a organização em espiral da pesquisa: o Objeto dos **Acordos** – implica a descrição da problemática e as negociações entre os pesquisadores e sujeitos implicados na realidade social; a **Fase Exploratória e Delimitação do problema** – consta da leitura, discussão e construção das abordagens e concretização de conhecimentos teóricos a respeito da realidade apresentada; o **Seminário** – envolve

examinar, discutir as interpretações das informações coletadas, avaliar os dados e tomada de decisões, por meio de diretrizes de ação que acontecem de forma coletiva e simultânea; a **Divulgação Externa** – retorno da informação sobre os resultados aos membros dos grupos implicados e demais setores interessados (THIOLLENT, 2000, 2011).

A partir dessas considerações, elaboramos a Figura 1, que compreende, de acordo com a interpretação do PPeGE, as fases da pesquisa-ação.

Figura 1 - Fases da pesquisa-ação em espiral



Fonte: elaborado por Vieira e Vaillant, integrantes do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), 2015.

De acordo com a Figura 1, não há uma rígida condução da pesquisa, que pode retornar aos acordos à medida que assim o grupo definir ou passar à fase exploratória do problema. Para Thiollent (2011, p. 55), o debate constante está vinculado à teoria: “o papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações” que levam a um resultado da pesquisa, com o estabelecimento de modelos dos processos coletivos, conduzindo à realização dos objetivos da ação, à resolução dos problemas iniciais.

Esclarecendo as fases, na etapa do **Objeto dos Acordos**, o autor salienta a importância de se elucidar os dois objetivos da pesquisa, o objetivo prático e o objetivo de conhecimento. O primeiro visa contribuir para uma melhor avaliação do problema central na pesquisa, bem como no levantamento de soluções e ações necessárias às soluções para capacitar o agente na sua atividade transformadora da situação. O segundo, por sua vez, busca obter informações e aumentar o conhecimento de determinadas situações

(THIOLLENT, 2000).

A **Fase Exploratória e Delimitação do problema** envolvem a leitura, discussão e construção das abordagens teóricas e concretização de conhecimentos teóricos. Essa fase consiste, segundo Thiollent (2000, p. 56), em “descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e esclarecer um primeiro levantamento (ou diagnóstico) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais situações”.

O **Seminário** envolve examinar, discutir as interpretações das informações coletadas, avaliar os dados e tomada de decisões, por meio de diretrizes de ação que acontecem de forma coletiva e simultânea. Thiollent (2000) aponta a técnica do seminário, na qual se constituirão os grupos que irão conduzir a investigação e o conjunto do processo.

A **Divulgação** externa envolve o retorno da informação sobre os resultados aos membros dos grupos implicados e aos setores interessados: “[...] trata-se de fazer conhecer os resultados de uma pesquisa que, por sua vez, poderá gerar reações e contribuir para a dinâmica da tomada de consciência e, eventualmente, sugerir o início de mais um ciclo de ação e de investigação” (THIOLLENT, 2000, p. 81). Ainda segundo o autor, “esse retorno visa promover uma visão de conjunto. [...] A tomada de consciência se desenvolve quando as pessoas descobrem que outras pessoas ou grupos vivem mais ou menos a mesma situação” (p. 82).

As etapas são desenvolvidas em um constante movimento de ação e reflexão. Thiollent (2000) argumenta que cada uma dessas fases exige necessariamente: a) planejamento e ação; b) avaliação e teorização; e c) retroação sobre o problema.

A reflexão permanente é uma das características da pesquisa-ação, a qual, para além dos resultados, se concentra no processo. Para tanto, torna-se necessário descrever os fatos com riqueza de detalhes, analisar os resultados a cada passo e apresentar os registros constantemente, não apenas no final do trabalho.

O método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas. No processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos



de ação e objetivos de conhecimentos que remetem a quadros de referência teóricos, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação (THIOLLENT, 2011, p. 7-8).

Conforme afirma Thiollent (2000, p. 4), na pesquisa-ação, a voz do sujeito, sua perspectiva e sua descrição sobre a realidade têm grande relevância, não apenas para um registro ou posterior interpretação de dados, mas, sim, para enfatizar as vozes dos sujeitos no momento da *práxis* social da investigação.

Por ter a pesquisa-ação uma característica participativo-coletiva e que pode favorecer a emancipação dos grupos, ela tem sido escolhida como metodologia para analisar a política educacional dos integrantes do grupo de pesquisa PPeGE.

Ao longo dos últimos nove anos, o PPeGe vem utilizando a referida metodologia como uma perspectiva emancipatória, analisando a implementação de políticas educacionais em contextos diversos, realizando encontros coletivos com grupos de docentes – professores(as), coordenadores(as), gestores(as) – para discutir a introdução dessas políticas no interior das instituições. Ademais, membros dos Conselhos Municipais de Educação também foram sujeitos participantes das pesquisas do PPeGE.

Os encontros com diálogos coletivos são momentos importantes da pesquisa; segundo Thiollent (2011), os sujeitos são conhecedores da realidade em que estão inseridos e podem contribuir para resolvê-la. Para o autor, os diálogos permitem a construção mais detalhada de informações, conhecimentos e reflexões acerca do objeto estudado, bem como a busca por resolução das problemáticas discutidas no/pelo grupo.

Os momentos vivenciados no coletivo do PPeGE e as investigações realizadas em conjunto favorecem tanto o fortalecimento do grupo quanto a troca de conhecimento, que têm sido muito significativos. As reuniões possibilitam a reflexão acerca das investigações realizadas pelos sujeitos no interior das instituições educacionais, o que permite alcançar maior grau de consciência, assim como mudanças de posturas e comportamentos. Para além dos objetivos pretendidos de cada pesquisa desenvolvida, os encontros oportunizam discussões e proposições, a fim de contribuir para uma educação pública e de qualidade.

Outro aspecto importante do uso da metodologia da pesquisa-ação e que tem sido de extrema importância nas discussões do grupo PPeGE é a reflexão a respeito de quando se finaliza uma pesquisa-ação. O grupo tem percebido que esse momento não se dá apenas



pela resolução de um problema investigado ou por findar e cumprir os prazos de um programa de pós-graduação, em nossa experiência, na modalidade profissional. O imperioso dessa metodologia é que os grupos implicados, professores(as) pesquisadores(as) e sujeitos da realidade social, por meio do diálogo e participação coletiva, ampliam conhecimento, adquirem um nível de consciência do lugar que ocupam e da complexidade dos problemas considerados.

Assim, quando se retorna ao contexto das investigações, percebe-se que o trabalho de reflexões dos sujeitos continua. Assim, os grupos implicados têm a oportunidade de alterar as realidades, mesmo que na dimensão limitada do seu espaço de atuação.

## REFERÊNCIAS

PPGE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Apresentação**, c2012.

Disponível em:

[http://www.uesc.br/cursos/pos\\_graduacao/mestrado/formacaodeprofessores/](http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/formacaodeprofessores/). Acesso em: 20 out. 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987.